

Debates: uma proposta para promover o conhecimento da vida como um todo

Renata Morais Lima¹

› **Educadores e Educandos em Conexão com a Vida**

A educação é uma sabedoria prática, é uma arte, e como toda arte é tendência dinâmica para um objeto a realizar, que é o fim dessa arte. Não há arte sem finalidade. A supremacia dos meios sobre o fim significa o desmoronamento consecutivo de todo propósito seguro e eficaz no processo pedagógico. Ainda que os meios sejam muito bons, nunca podemos perder de vista o fim da educação. Verificamos, frequentemente em nossos dias, o apego à perfeição dos meios e métodos educacionais e a importância em submetê-los a seu fim. Quanto maior a importância do progresso científico dos métodos e meios pedagógicos, tanto maior é a exigência de reforço paralelo da sabedoria prática e da tendência dinâmica para um fim. (Trevisan, 1995, p. 21)

Este trabalho tenta apresentar por meio da filosofia proposta por Henri Bergson e por acreditarmos que ele propõe uma maneira outra de atuar na educação, uma aproximação da filosofia dele à realidade educacional que encontramos hoje nas escolas nacionais, principalmente após a educação de nível fundamental, do 1º ao 5º ano, que torna a aprendizagem totalmente dissociada da vida, legando os alunos, livros, quadro e giz. Para o autor, com o qual escolhemos desenvolver estas reflexões, a vida é impulso criador, *éllan vital*, o homem, como tudo na natureza, participa deste impulso. É justamente ele, o *éllan criador* que impulsiona a evolução da vida, é a partir desse impulso que todas as potencialidades se desenvolvem. Se a vida é um *continuum*, se ela está sendo e se fazendo aqui e agora, não há como desprezar a história do indivíduo que se faz presente no ato da aprendizagem. Principalmente os indivíduos localizados na educação institucionalizada, que é o objeto de nosso estudo. Ao conseguirmos despertar as consciências dos educadores e educandos para esse processo natural da vida, acreditamos que possa haver

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professora no Ensino Médio da rede Estadual de Minas Gerais, integrante do Grupo de Pesquisa Tempos, bem como do Grupo de Pesquisa Bergson e Educação, ambos do Núcleo de Pesquisa em Educação e Diversidade.

uma “ruptura” com a crença de transmitir um conhecimento recortado de sua realidade e da realidade que também faz parte do educando.

O processo de alienação é a dissociação do indivíduo do objeto de sua criação. No mundo capitalista, o ser perde sua finalidade, pois está distante do objeto de sua criação. A felicidade do homem, também, reside em si ver como criador. Os educadores e os educandos se alienam na medida em que não são capazes de “ver” seu esforço criador. Bergson nos auxilia nesse entendimento quando nos explica que o recorte da vida é formulado por nossa intelectualidade que assim o faz para conseguir compreendê-la mais facilmente. Mas daí surgem dois problemas: os recortes são realizados por cada pessoa de maneira que ela consiga compreender a realidade e este recorte é apenas uma maneira de se compreender a vida, ele não é a vida mesma, pois a vida é *duração*. Nem o professor nem seu aluno conseguem tomar consciência dessa dinâmica da vida, sendo impedidos de se colocarem na *duração*. O que são capazes de fazer é apenas uma compreensão intelectual da vida, através dos conteúdos os quais estão sujeitos na educação formal, continuando assim numa alienação.

Constança, responsável por fazer a introdução da obra de Rubens Trevisan, ressalta que o ato criador surge de uma situação de liberdade, “educar é fomentar a libertação, fomentar a liberdade, de modo que o homem se engaje em atos com toda sua alma. Educar é levar o homem a se expor na sua ação, a criar, através da ação”. (1995, p. 08)

Na esteira do processo de evolução criativa desenrola-se um outro processo importante no amadurecimento do ser humano, o processo de libertação. A liberdade é um ato imediato, surgindo ao olhar intuitivo da consciência, livre da interferência dos conceitos e dos raciocínios abstratos: ‘O ato livre é incomensurável com a ideia, e a sua racionalidade deve ser definida por essa mesma incomensurabilidade que permite achar nele toda a inteligibilidade que se queira’. (TREVISAN, 1995, p. 18)

De acordo com os pensamentos bergsonianos que neste trabalho tentamos desenvolver, ao valorizarmos o eu profundo, o conhecimento proporcionado pela intuição, conheceremos a realidade verdadeira, a duração, e estaremos, portanto dissociados dos conhecimentos superficiais, homogêneo, que nos distancia do ato livre e da criação. Trevisan² conclui para nós: “assim, a filosofia bergsoniana perpassa todas as esferas da realidade humana: metafísica, a gnosiológica, a psicológica e a física.”

› ***Para não Concluir***

A educação pautada por um elemento outro além da inteligência permitirá a liberdade, criadora e criativa, entre os sujeitos do conhecimento.

A proposta bergsoniana de valorizarmos nossa intuição tem como objetivo nos conectarmos à vida novamente, sermos capazes de perceber a vida como multiplicidade, heterogeneidade. O recorte da vida proporcionado pela inteligência nos afasta de nós

2 Trevisan, 1995, p. 18.

mesmo enquanto seres pertencentes a este universo, enquanto seres participantes do impulso vital.

O pensamento se representa geralmente o novo como um novo arranjo de elementos preexistentes; para ele nada se perde, nada se cria. A intuição, ligada a uma duração que é crescimento, aí percebe uma continuidade ininterrupta de novidade imprevisível; ela vê, ela sabe que o espírito tira de si mais do que contém, que a espiritualidade consiste precisamente nisto, e que a realidade, impregnada de espírito, é criação. O trabalho habitual do pensamento é fácil de se prolongar tanto quanto quisermos. A intuição é penosa e difícil de prolongar. Na intelecção, o pensamento utiliza, sem dúvida, sempre a linguagem; e a intuição, como todo pensamento, acaba por se alojar em conceitos: duração, multiplicidade qualitativa ou heterogênea, inconsciente – diferencial até, se tomarmos a noção tal como era a princípio. Mas o conceito de origem intelectual é imediatamente claro, ao menos para um espírito que pode esforçar-se o suficiente, enquanto a ideia saída da intuição começa ordinariamente por ser obscura, seja qual for nosso esforço de pensamento. (BERGSON, 1974, p. 122)

O pensamento intuitivo é obscuro e difícil de compreender, já a intelecção, por meio da linguagem, se torna mais clara. Por isso devemos ter cuidado e nos colocar na postura do filósofo, como nos disse Bergson, de sempre buscar o esforço para o entendimento e a vida útil. A inteligência trouxe condições melhores de existência. Dominá-la, saber de seus limites nos permite navegar mais longe neste mar das possibilidades humanas. A intuição, mesmo sendo natural a nós, é pouco acessada por confiarmos de mais na intelectualidade.

Despertar para o belo e o bom é despertar nossas sensações do entorpecimento promovido pelo intelectualismo, do pensamento analítico, é entrarmos diretamente na realidade, na duração, através da intuição. Diversas vezes nos deparamos com alunos tomando contato pela primeira com obras de artistas consagrados pela nossa cultura cuja reação é de um certo incômodo, ou tédio, ou outra sensação de não apreciação da obra. Como seria se se permitissem um olhar intuitivo das mesmas obras?

Neste movimento de simpatizar, como nos propõe Bergson, com os nossos jovens para passar de uma visão intelectual da vida para uma visão intuitiva é possibilitar a eles a liberdade de ver por si mesmo, é desenvolver lhes a autonomia através do conhecimento do eu profundo.

› ***Modo como fizemos***

Acreditamos que os jovens do terceiro ano que participaram dos debates conseguiram alcançar este conhecimento libertador por terem podido experimentar o momento de criação dos próprios argumentos ao vivenciarem os debates.

Já havíamos estudado a dialética socrática. A proposta de fazermos debates partiu dos próprios após uma aula de filosofia a qual tratávamos dos argumentos lógicos aristotélicos.

Passei para os alunos o filme “O Grande desafio”, o qual trata a temática do debate entre universidades. Os alunos encantados com a proposta de mudar os pensamentos a partir do diálogo, da arte do convencimento, começam a se programarem e se unirem para a proposta que se estende para os cinco terceiros anos da Escola Estadual.

Escolhemos temáticas atuais que tocavam diretamente nas questões éticas que vivem a sociedade. Nossos alunos e alunas precisavam buscar as diversas áreas do conhecimento que tratava daquele dilema específico e construir argumentos em defesa ou contra tal postura. Os temas eram relacionados às diversas áreas do conhecimento, menoridade penal, aborto, big brother, câmeras de vigilância, eutanásia, entre outros.

O que percebemos é que essa dinâmica proporcionou um conhecimento integrado à vida. Porque cada grupo ao pesquisar sobre os assuntos estavam também formando seus próprios conhecimentos. Ao articularem os argumentos encontrados com os argumentos dos outros grupos eles criavam alternativas para pensar a sociedade.

Os professores reunidos após o evento percebeu que conseguiu muito mais que uma trans/multi disciplinaridade, conseguimos a conexão do conhecimento com a vida.

Referências

- Alves, N. „Sobre movimentos da pesquisas no/do/com os cotidianos“. In: Oliveira, I. B. (org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes*. Petrópolis:DP ET Alii, 2008. p. 39-48
- Bergson, H. *Os Pensadores: O Pensamento e o Movente*. São Paulo: Ed. Abril, 1974.
- _____. *A Evolução Criadora*. Trad. Bento Prado Júnior Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Biesta, G. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.
- Carvalho, J. M. „Pensando o currículo escolar a partir do outro que está em mim“. In: Ferraço, C. E. *Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo*. São Paulo, Cortez, 2008a, p. 94-111.
- Chauí, M.. *Convite à Filosofia*. 13^o Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- Costa, C.. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2^a Ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- Deleuze, G. *Bergsonismo*. Tr. Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- Incontri, D. *Filosofia: construindo o pensar*. 3^o Ed. São Paulo: Escola Educacional, 2010.
- Larrosa, J. „Voces que cuentan y voces que interpretan“. In: Arnaus, R. *Déjame que te cuente*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- _____. *Linguagem e educação depois de babel*. Trad. Cynthia Farina. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. *Nietzsche e a Educação*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autentica, 2005.
- Santos Pinto, T. J. *O método da intuição em Bergson e sua dimensão ética e pedagógica*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- Trevisan, R. M. *Bergson e a Educação*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.
- Vieillard-Baron, J.-L. *Compreender Bergson*. Petrópolis: Vozes, 2007.